

Uma experiência de pastoral urbana

Djalma Rodrigues de Andrade

A paróquia de São Conrado situa-se no bairro do mesmo nome, zona sul do Rio de Janeiro (RJ). Com população estimada em 15.000 habitantes tem na vizinhança o morro da Rocinha, no qual se localiza a mais populosa favela da América Latina. Dificilmente se pode imaginar contraste social mais acentuado do que o existente entre os dois núcleos habitacionais que, coincidentemente, formam duas paróquias: enquanto São Conrado, excetuada a pequena favela Vila Canoas de aproximadamente 2.000 moradores, é habitado por famílias das classes média e alta, a Rocinha esparrama-se incontrolavelmente e já se une a outro morro, o do Vidigal.

A matriz de São Conrado é um pequenino templo de inspiração colonial. Erguida no topo de uma pequena elevação, pode ser considerada testemunha da história do bairro que em torno dela nasceu e se transformou. Quando o Comendador Conrado Jacob de Niemeyer, senhor destas terras, inaugurou a capela e a dedicou ao santo de seu nome, no dia 29 de junho de 1916, São Conrado era Praia da Gávea. Em antigas cartas náuticas da cidade do Rio de Janeiro, a "igrejinha", como é carinhosamente chamada pelos moradores do bairro, figura como marco de referência da entrada do porto. Construída quando as habitações aqui existentes não deviam ultrapassar uma dezena, mantém seu charme e, nas linhas harmoniosas e simples, destaca-se na paisagem de mar, montanha e floresta. É encantadoramente acolhedora.

Sou pároco de São Conrado desde março de 1983. Ao redigir este depoimento recorde um episódio ocorrido por ocasião de minha apresentação à comunidade por Dom Afonso Gregory, então bispo auxiliar do Rio de Janeiro responsável pelo nosso Vicariato Sul. Após a celebração, tendo os fiéis deixado o templo, Dom Gregory, meu colega de turma e grande amigo, tomou-me pelo braço e, da porta de entrada da matriz, de onde se pode

atingir com o olhar os limites territoriais da paróquia tipicamente vertical, foi tendo comentários sobre a oportunidade que eu desfrutava de poder desenvolver com a nova comunidade um projeto de igreja tipicamente missionária, ou seja, que vai anunciar a proposta cristã lá mesmo onde a vida se manifesta. Em lugar de centralizar a ação pastoral na matriz paroquial, multiplicar centros de irradiação com bases em condomínios e residências que se abrissem à experiência inovadora. Seria a animação de um modelo baseado na mística do fermento na massa.

As considerações de Dom Gregory soaram-me oportunas. Traziam-me à memória, naquele encontro marcado por grande afinidade pastoral e não menor amizade, experiências anteriormente partilhadas com grupos de base nos tempos de assistente de Ação Católica. Hoje sou grato a Dom Gregory. Nos encontros que ainda mantivemos antes de sua transferência do Rio, continuamos a troca de idéias, o que me dava o apoio indispensável nesses momentos de aprendizado por ensaio-e-erro.

Dei-me, inicialmente, à observação atenta de meu novo campo missionário. Nos contatos pessoais, assim como nas reuniões das equipes pastorais existentes, procurei principalmente escutar. Tomei mesmo, nesses primeiros passos, a decisão de visitar as famílias, na medida em que as percebia dispostas à acolher este tipo de comunicação. Fui bem sucedido e disso tive certeza pela resposta imediata, pois comecei a ser convidado para visitar outros lares. O passo seguinte foi estabelecer uma agenda de visitas com o objetivo de apresentar-me de maneira mais informal. No tocante à pastoral urbana, eu já dispunha de elementos teóricos. Dera-me, nos últimos anos, à pesquisa da realidade das grandes cidades, desafiado pela condição de reitor do Seminário Arquidiocesano São José, e reconheço que isso veio em ajuda ao exercício de meu paróquio em São Conrado. Por outra parte, percebi logo que a meu encontro vinha uma comunidade com sinais de inquietude, ou seja, demonstrando expectativas de renovação pastoral.

Nesses elementos teóricos, portanto, eu me apoiava na busca de uma visão da realidade sócio-pastoral do bairro. Entendia, por exemplo, que, à semelhança do que acontece em todos os grandes centros urbanos de nosso continente, o Rio abriga um sem número de contrastes econômicos e culturais que se tornam fatores de distorções e agravam as distâncias sociais. No caso específico da zona sul carioca esses contrastes carregam singular potencial explosivo pela contigüidade dos polos da contradição. Rocinha e São Conrado olham-se nos olhos, confundem-se territorialmente, a ponto de poder-se afirmar que o que os separa são as fronteiras econômicas e sociais.

Compreende-se pois que, ao chegar ao novo campo pastoral, minhas atenções se hajam voltado, de modo especial, para essa realidade de contrastes. Verdade é que já dispunha de suficiente experiência pastoral no meio dos pobres. Exercera o ministério entre eles no Nordeste brasileiro, ao

longo de dez anos, e mesmo em um subúrbio carioca. Nos dois casos, no entanto, contava-se com certa homogeneidade de condições de vida. Aqui não, aqui o novo é o enfrentamento agressivo dos dois polos da contradição. Machucando a sensibilidade humana. Incomodando como eu jamais sentira. Mobilizados, perguntávamos pelo caminho que ajudasse a encurtar essa distância social, enquanto não fosse possível eliminá-la de vez.

Lembro-me das primeiras tentativas de interação. Como a que nos levou a promover encontros entre habitantes da favela de Vila Canoas e outros habitantes do bairro. A pretexto da busca conjunta de melhoria de vida para os primeiros, colocamos frente a frente, na área coberta do lado da igreja, em sucessivas reuniões, líderes da favela e outros moradores de São Conrado congregados em suas respectivas associações (AMAVICA e AMASCO). Tudo bem, muita disposição, grandes esperanças. Algo, no entanto, estranho a nossas previsões ocultava-se, embora sendo decisivo, ao processo que nos mobilizava. Sua existência denunciava-se nos sinais de impasse que não tardaram. Por que, para citar uma de nossas perplexidades, por que exatamente aqueles que seriam diretamente favorecidos pelo nosso projeto se mantinham mudos a maior parte das vezes em que se discutia acaloradamente? Qual a razão desse silêncio? Resistência? Desinteresse? Em nossa empolgação, difícil era encontrar falha no processo. O certo é que, após algumas tentativas infrutíferas de ressurreição do sonho, foi-se impondo a realidade: os participantes escasseavam, as reuniões perderam o atrativo, foi sumindo o entusiasmo. Para evitar a plena sensação de fracasso, os coordenadores do belo projeto de mutirão, unindo ricos e pobres, decidiram encerrá-lo.

Passado algum tempo, seríamos capazes de avaliar com objetividade o significado daquelas reuniões. Embora não hajam apresentado, na época, resultados visíveis, realizávamos através delas o aprendizado da convivência, da superação de preconceitos, adquiríamos capacidade de escutar e, até mesmo, de perscrutar a razão e o significado dos silêncios vindos daqueles que ainda não se sentiam com coragem de falar. Realizávamos o aprendizado do encontro. Os fatos estavam ali a demonstrar que barreiras ponderáveis se interpunham entre ricos e pobres em nossa comunidade paroquial. Que era imprescindível identificá-las uma a uma, para assumi-las com coragem e, por fim, combatê-las decididamente. Dos fatos colhêramos, também, a lição de que uma presença cristã atuante nos ambientes de família e de trabalho seria mais adequada a nossos propósitos pastorais do que a centralização das atividades em torno da matriz paroquial. Essa descoberta haveria de orientar os rumos de nossa caminhada a partir daquele final de 1983.

A experiência, em seu aparente malogro, foi aproveitada para ampla avaliação por parte das poucas equipes pastorais então existentes. Promoveram-se sucessivas reuniões com esse objetivo. Era indispensável não permitir viesse a arrefecer a discussão de algo que nos mobilizara tanto.

Naquela época ainda não se havia constituído o atual Conselho Paroquial em São Conrado. A leitura de anotações pessoais daquele período e o livro de tomo da paróquia, possibilitam-me reconstituir os passos de nossa caminhada de 1983 a hoje. Ao fazê-lo, percebo claramente que aqueles meses, tão ricos de buscas em comum, constituem verdadeiros momentos de culminância na história de nossa comunidade. As reuniões convocadas para a reflexão a partir de textos sobre modelos de igreja e de ação pastoral, o tema da espiritualidade missionária levado pelas visitas do pároco às famílias, a primeira das celebrações eucarísticas domésticas realizada em uma residência da rua Iposeiras, com a família convidando os moradores da rua... O Espírito ajudando-nos a renovar nossa prática cristã. Conduzida por Ele a comunidade abraçava a proposta de uma ação evangelizadora capilar.

Há, certamente, fatores que explicam essa pronta receptividade a uma proposta inovadora. Desejo aludir a uma dentre todas. Refiro-me ao fato de a paróquia de São Conrado ser constituída, já em 1983, apenas de equipes, sem que em seu organograma figurem associações, confrarias ou irmandades. Há, naturalmente, maior espaço para a renovação e a criatividade. Acredito que essa circunstância haja diminuído as reações de oposição. As resistências esboçadas, de resto pouco expressivas, projetavam afinidades com um modelo de Igreja diverso do que estava subjacente ao por nós elegido. Rapidamente diluíram-se.

Transcorridos oito anos, a vida pastoral desta comunidade apresenta claros indícios de mudança. Quem acompanhar com atenção o seu cotidiano há de identificar determinados valores presentes nas preocupações de todos, tais como: a) compromisso fraterno; b) participação; c) pessoalidade nas relações pastorais; d) espiritualidade litúrgica; e) comunhão e partilha. Aos poucos vão surgindo pequenas comunidades nas quais a convivência leva ao clima de intimidade, espontaneidade e partilha. Na origem dessas pequenas comunidades, as mais diversas propostas — razão pela qual diversas são, também, as suas dinâmicas, assim como o ritmo pelo qual se regem e até o grau de perseverança dos seus membros. Na história de cada uma delas, os resultados, também, são diversos: às vezes excedem a expectativa, outras vezes permanecem aquém delas. De tudo isso ficou-nos a convicção de que a realidade das pessoas e das comunidades é misteriosa e imprevisível. Não se pode lidar com as pessoas e as comunidades dentro de um esquema de relação objetiva. As pessoas e as comunidades revelam-se e isso só acontece na experiência do amor. De outra parte, experiências como as das pequenas comunidades satisfazem um dos grandes desafios vividos pelo homem dos grandes centros urbanos, a solidão e a incomunicabilidade.

Como já assinalamos, as propostas iniciais desses grupos de vivência são diversas: aqui é o trabalho em prol de um projeto de pastoral social, ali é uma comunidade de casais cujo programa gira em torno da partilha de vida familiar, por vezes é a escuta da Palavra do Senhor que referencia os encon-

tros, assim por diante. Diferente é a dinâmica das equipes pastorais propriamente ditas, nas quais a convivência gira em torno de atividades e objetivos pastorais definidos. Em todos os grupos, no entanto, a convivência conduz a descobertas convergentes, tais como: o gosto pela reflexão bíblica, a amizade crescente, o clima de alegria nos encontros, a preocupação com o meio no qual se está inserido, a prática de momentos celebrativos, consciência e sentimento missionários. Há, naturalmente, casos de defecções. São vicissitudes do caminhar humano. O certo é que a experiência das pequenas comunidades vai tomando corpo e parece definitivamente integrado ao organograma pastoral desta paróquia. Como fermento na massa, está presente em Vila Canoas, em condomínios e em casas. A Eucaristia é celebrada nas residências, onde também as crianças recebem a educação religiosa, assim como nos colégios e na matriz. As festas promovidas na comunidade constituem oportunidade de conagração de todos. A matriz, na qual a comunidade paroquial inteira se reúne e celebra, não absorve todas as manifestações de vida religiosa, como vimos. Nem por isso deixa de ser referencial maior da vida da paróquia.

Na favela de Vila Canoas percebe-se claramente a força expansiva de uma experiência cristã que bebe na fonte da Palavra de Deus o entendimento do cotidiano e a espiritualidade. Atualmente a ação pastoral naquela comunidade dá-se em diversas frentes: a Unidade Paroquial de Saúde, o Centro Comunitário Nossa Senhora das Graças (prédio de dois andares), um núcleo da Associação São Martinho com setores de profissionalização do menor, ensino religioso, cursos de corte e costura e outros serviços. O grande elemento dinamizador da pastoral de Vila Canoas, no entanto, é o círculo bíblico que se reúne na capela de Nossa Senhora das Graças situada no Centro Comunitário da favela. Da ação capilar e perseverante do círculo, de sua atenção sobre a vida cotidiana da comunidade e da característica de oração e espiritualidade de seus membros brotam análises, sugestões e criatividade em favor de uma ação revestida, quanto possível, de objetividade. A pequena favela está mudando de fisionomia. Já foi muito mais dominada pelo individualismo. Hoje as iniciativas no âmbito do bem comum são acolhidas e, conseqüentemente, os moradores vão adquirindo novos hábitos. No círculo bíblico e nos serviços pastorais surgem novos agentes de evangelização. Entre as famílias há, de modo geral, boa convivência e ajuda mútua. Nos círculos bíblicos, como nas pequenas comunidades em geral, a vida cristã expressa-se em dois planos, a saber: "ad intra", isto é, no sentido do revigoramento do próprio grupo e "ad extra", em termos de irradiação apostólica.

O Conselho Paroquial é um importante elemento de unidade nesta paróquia. Composto por dois representantes de cada equipe pastoral, tem atualmente 23 membros e reúne-se mensalmente para analisar a caminhada da paróquia e elaborar, sob a presidência do pároco, os projetos pastorais.

Já a administração das finanças está a cargo do Conselho para Assuntos Econômicos da Paróquia (COPAE), igualmente presidido pelo pároco.

Um boletim paroquial de circulação mensal é o principal veículo de comunicação entre os membros da comunidade e com outras paróquias.

O Conselho Paroquial e o boletim são evidentemente fatores de unidade na pastoral que acabo de evocar, e cuja chave se encontra na radical descentralização e na confiança dada aos leigos para a organização das comunidades que constituem a paróquia.

Como concluir este depoimento? Talvez, afirmando que a experiência pastoral de São Conrado muito tem acrescentado ao que me tem sido dado recolher das pesquisas acadêmicas no âmbito da pastoral urbana. Temos que reconhecer que a pastoral das grandes cidades não ultrapassou, no Brasil como em toda a América Latina, a fase de adaptação de modelos pastorais rurais ou de pequenos centros. O desafio, como se vê, permanece. O Padre Lebret oferece um princípio fundamental de ação pastoral: "ser fiel ao real". Partir da realidade de centros urbanos como o Rio de Janeiro significa mergulhar na complexidade com a qual a vida aqui se expressa e buscar formas adequadas de realizar o anúncio cristão. As pequenas comunidades parecem um desses caminhos. Aproximam as pessoas, favorecem o discernimento no meio das ambigüidades com as quais a vida moderna costuma se apresentar, em suma preserva o centro de referência de cuja perda o homem contemporâneo se sente ameaçado. Favorecem o exercício da fraternidade. Por outro lado, na medida em que os membros da comunidade se abrem ao compromisso com o Evangelho, o pároco também se situa e encontra as condições de estar presente na vida das pessoas e das famílias.

A Arquidiocese do Rio de Janeiro se propôs realizar o anúncio cristão sendo "uma Igreja que vai ao encontro do povo" e vem implantando nas suas paróquias um oportuno projeto de "acolher para evangelizar". Os termos desta proposta pastoral são reveladores do caminho que a Igreja do Rio decidiu percorrer. Que o Senhor nos conduza.

Padre Dijalma Rodrigues de Andrade é Mestre em Educação e Doutor em Teologia pela PUC-RJ. Foi reitor do Seminário Arquidiocesano São José do Rio de Janeiro e é atualmente professor de Teologia na PUC-RJ, sendo ao mesmo tempo pároco de São Conrado.

Endereço: Estrada da Gávea, 906 — 22610 Rio de Janeiro-RJ.